

**A INSERÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE MAMULENGUEIROS E
ARTESÃOS DE GLÓRIA DO GOITÁ NA HISTÓRIA DO TEATRO DE
BONECOS POPULAR DO NORDESTE**

Wesley Fontenele

Doutorando e Mestre em Artes (UERJ)

Licenciado em Teatro (UNIRIO)

wesley.fontenele@hotmail.com

O presente trabalho apresentado no 30º Simpósio Nacional de História (Recife-PE) é um recorte da pesquisa de doutorado há pouco iniciada, em março de 2019, e desenvolvida junto ao PPGARTES – Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Linha “Arte, Cognição e Cultura”), sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Gomes Lima com o título ainda provisório: “O mamulengo mudou”: o teatro de bonecos de Glória do Goitá (PE).

A diretora e professora Adriana Schneider Alcure em *Mamulengos dos mestres Zé Lopes e Zé de Vina: etnografia e estudo de personagens* (2001) afirma que mamulengo é o teatro popular de bonecos praticado no estado de Pernambuco. A região da Zona da Mata Pernambucana é a que possui o maior número de mamulengueiros. O escritor Hermilo Borba Filho em *Espetáculos populares do Nordeste* (1966), uma das primeiras incursões sobre o mamulengo, escreve que uma contextualização histórica desse gênero teatral é de difícil definição. O autor identifica duas razões para tal inexistência: a documentação quase que inexistente e os escassos registros por parte de historiadores e viajantes. A origem do próprio termo mamulengo é controversa. A explicação mais frequente¹ é de que o nome faz referência à manipulação dos bonecos, ou seja, uma alusão a “mão molenga”.

O que é o mamulengo? É um gênero de teatro composto por bonecos vestidos de tecido e esculpidos em uma madeira específica: o mulungu. Os artistas populares que trabalham com o mamulengo costumam se definir como brincantes. “Brincar”, “brincadeira”, “brincantes” são categorias próprias do campo da arte e da cultura

¹ Borba Filho (1966a, 1966b) tece diversas hipóteses sobre a origem do termo mamulengo.

popular. Os brincantes do mamulengo escondem-se atrás de um cenário que é uma grande barraca com abertura para entrada dos bonecos e que é composta por tecidos pintados com personagens e temas do próprio teatro de bonecos pernambucano.

Barraca de Mestre Zé de Vina exposta no Museu do Mamulengo de Glória do Goitá, em que se lê: “*Mamulengo Riso do Povo* fundado aos 10 de outubro de 1957. Mestre Zé de Vina. O rei do mamulengo”.



Fonte: o autor, 2018.

O mestre é o ator principal, responsável por manipular os bonecos por detrás do cenário. O contramestre é uma espécie de aprendiz e ajudante do mestre. Os músicos são também importantes integrantes de uma apresentação de mamulengo, portando, de acordo com Alcure (2001) sua sanfona, triângulo, ganzá e bombo, executando o viés musical desse gênero teatral (p. 12). Os personagens do mamulengo são considerados personagens-tipo, os quais surgem nas apresentações dos mais diversos mestres e que aparecem em diferentes espetáculos de um mesmo artista. São eles: animais, o diabo, políticos, militares, moças, homens valentes, covardes, índios, dentre outros. O mamulengo, seus personagens e narrativas têm caráter predominantemente cômico e improvisacional.

A pesquisadora Izabela Brochado no artigo *Teatro de Bonecos Popular do Nordeste: história e histórias* (2015) reconstrói historicamente o percurso do mamulengo em Pernambuco por meio de argumentos que são importantes para a

compreensão daquele que é conhecido também como Teatro de Bonecos popular do Nordeste. A autora afirma que os primeiros registros sobre o mamulengo são do século XIX, no entanto é impossível afirmar que foi nesse século que surgiu esse gênero de teatro de bonecos, sobre o que Borba Filho escreve: “É impossível determinar, no Brasil, o aparecimento das marionetes, sua história perdendo-se no passado” (1966a, p. 103). Ainda assim, autores como Brochado, Alcure, Borba Filho e Santos supõem que o mamulengo esteja presente em território brasileiro desde o Brasil Colônia, tendo chegado com os exploradores portugueses, uma vez que à época os bonecos eram bastante populares em vários países da Europa.

Brochado (2015) apresenta três importantes registros do século XIX sobre o mamulengo, em relato de viagens, em dicionário de vocabulários e em jornal pernambucano: (a) o livro *Travel in Brazil*, publicado em 1816, por Henry Foster relata uma apresentação genérica de teatro de bonecos (*puppettheatre*) em festa religiosa em Olinda; (b) a primeira referência específica ao termo mamulengo é de 1889 em verbete da publicação *Dicionário de vocabulários brasileiros* de Visconde Beaurapaire Bohan, conforme transcrito por Borba Filho: “Os mamulengos entre nós são mais ou menos o que os franceses chamam de marionette ou polichinelle. Em outras províncias, como no Ceará e Piauí, dão a esse divertimento a denominação de Presepe de Calungas de Sombra” (BOHAN Apud BORBA FILHO, 1966b, p. 84) e (c), em 23 de dezembro de 1896, o jornal *Diário de Pernambuco* traz o primeiro registro sobre uma apresentação de mamulengo acontecida no âmbito mais amplo dos festejos natalinos.

O antropólogo estadunidense George Marcus em *O intercâmbio entre arte e antropologia* (2004) defende que a partir dos intercâmbios entre o Teatro e a Antropologia, ambos esses campos acabam por aperfeiçoar seus métodos e vislumbrar possibilidades de reinvenção. Maria Tereza Franzoni em *Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático* (2012) traça um panorama das aproximações de pesquisadores do campo do teatro de técnicas e métodos ligados à Antropologia. Portanto, percebe-se que tanto pesquisadores vinculados à Antropologia quanto às Artes Cênicas consideram a potencialidade do encontro entre essas duas disciplinas, como veem também o trabalho de campo de cunho etnográfico como um procedimento a ser incorporado por pesquisas em âmbito teatral. Fernando

Augusto Gonçalves Santos em *Mamulengo um povo em forma de bonecos* (1979) já havia comentado a dificuldade de trabalhar com “fontes oficiais” (p. 13) quando se trata de estudos sobre cultura popular. Esta dificuldade não desapareceu.

As pesquisas de Alcure (2001, 2007) e de Brochado (2001, 2005) são importantes investigações acadêmicas sobre o mamulengo. Não localizei outros estudos de doutoramento acerca do Teatro de Bonecos popular do Nordeste. A dissertação de Alcure (2001) trata especificamente do trabalho dos mestres mamulengueiros Zé Lopes e Zé de Vina a partir de trabalho de campo. Alcure (2007) em sua tese de doutorado faz novamente trabalho de campo em Pernambuco, mas desta vez focando no mestre Zé de Vina, percorrendo sua rede de mamulengueiros e analisando novos circuitos contemporâneos de circulação do boneco. Já Brochado (2001) em seu estudo a nível de mestrado investigou o trabalho dos mamulengueiros residentes na capital federal e como se dá esse deslocamento de um gênero teatral dito popular para o contexto de uma grande cidade. Brochado (2004) em sua tese focou em uma apresentação do mamulengo em diálogo com a exposição do processo de formação da sociedade brasileira

Os trabalhos das pesquisadoras citadas acima estão pautados no interesse pela prática artística daqueles que são considerados importantes mestres mamulengueiros. Zé de Vina, alvo das discussões de Alcure (2001, 2007), já era quarenta anos atrás objeto das reflexões de Santos (1979): “[Zé de Vina] É um dos mamulengueiros mais inteligentes que conhecemos, profundo conhecedor do folguedo, a quem devemos o favor de ter-nos esclarecido, com lucidez e notável simplificação poética, muitos aspectos obscuros da arte do mamulengo” (1979, p. 68).

André Carrico em *O Mamulengo em Cena no Contexto Contemporâneo* (2015) comenta que o processo de ensino-aprendizagem dos gêneros populares tradicionalmente se dá no auxílio que o aprendiz dá ao mestre e vai assim aos poucos acompanhando e aprendendo seu ofício: “Não se aprendia em palestras e oficinas ministradas em espaços culturais, mas no acordo mútuo entre aprendiz e mestre, o primeiro solicitando acompanhar as turnês do segundo” (2015, p. 33). Há atualmente novas práticas de ensino-aprendizagem ligadas ao mamulengo.

Diante do exposto sobre o mamulengo, suas questões estéticas e breve contexto histórico, discutiremos como a Associação Cultural de Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá atua em diversas frentes trabalhando com o mamulengo.

Glória do Goitá é cidade da Zona da Mata pernambucana localizada a 60 quilômetros da capital Recife e que possui aproximadamente 30 mil habitantes. A Associação Cultural de Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá foi criada em 2002 como ação de revitalização do mamulengo na cidade, que é conhecida como a “capital do mamulengo”. Foram realizadas oficinas com os importantes mestres mamulengueiros pernambucanos Zé Lopes e Zé de Vina, que ensinaram para um grupo de jovens glorienses, respectivamente, técnicas de fabricação e de manipulação dos bonecos. De acordo com Barbara Duarte Benatti (2017) em *Mestres mamulengueiras: um estudo de caso em Glória do Goitá (PE)*, o SEBRAE² ofereceu em 2002 uma oficina sobre fundação e gestão de uma associação. A Associação foi instalada no antigo Mercado público de farinha da cidade, espaço cedido pela prefeitura por meio de contrato de comodato.

Fachada da Associação Cultural de Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá.



Fonte: o autor, 2018.

Realizei duas incursões em Glória do Goitá, a primeira em julho de 2018, quando ainda desenvolvía minha pesquisa de mestrado. Nesta oportunidade, fiquei

² Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

bastante interessado no trabalho desenvolvido pela Associação, assim como pelo número de mamulengueiros existentes em Glória do Goitá e tensões entre eles existente. Percebi ali uma possibilidade de continuar meus estudos no campo da cultura//teatro popular iniciados no mestrado³. Retornei a Glória do Goitá em julho de 2019 já desenvolvendo minha pesquisa a nível de doutorado⁴.

É importante esclarecer que as observações deste texto possuem caráter ainda bastante inicial, sendo necessário um trabalho de campo mais profundo em Glória do Goitá/PE, o qual será desenvolvido ao longo do período da pesquisa.

A Associação trabalha com o mamulengo através de diferentes eixos de atuação. Possuem o Museu do Mamulengo de Glória do Goitá, que é um dos dois únicos museus⁵ desse gênero existentes no país, contando com exposição de bonecos e visitas guiadas. Oferecem oficinas de fabricação de mamulengo voltadas para visitantes de universidades, de escolas (de Glória do Goitá e de outros municípios/estados) ou mesmo para pessoas sem vínculo institucional, como foi meu caso quando visitei o Museu pela primeira vez em julho/2018.

Participação em oficina de fabricação de mamulengo junto à Associação.



Fonte: o autor, 2018.

³ Produzi, sob orientação do Prof. Dr. Maurício Barros de Castro, o estudo *Bumba-meu-boi no palco e na festa: Teatro e Cultura Popular no Piauí*, também junto ao PPGARTES – Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Linha “Arte, Cognição e Cultura”).

⁴ Há poucos dias, de modo que tudo aquilo que foi ouvido, visto e percebido em minha estadia em Glória do Goitá ainda está sendo interpretado.

⁵ O outro é o Museu do Mamulengo de Olinda, localizado no Mercado Eufrásio Barbosa desde 5 de julho de 2018, data de sua reabertura.

Após a visita ao Museu e à realização da oficina, o grupo *Nova Geração de Glória do Goitá*, ligado à Associação, apresenta espetáculo de mamulengo, ou melhor dizendo, mostra um pouco da brincadeira para as pessoas que participaram das etapas anteriores do encontro.

O *Mamulengo Nova Geração* foi criado em 2008 e, segundo Pablo Dantas, produtor do grupo, realizou a transformação de “a dramaturgia do Mamulengo, abolindo passagens homofóbicas, racistas e de submissão feminina”, pois o grupo seria o primeiro mamulengo a contar com uma maioria feminina (DANTAS, 2018). Ao mesmo tempo, o grupo é identificado como sendo “herdeiro” dos “tradicionalis brincantes da Zona da Mata pernambucana”.

Mamulengos fabricados pelos artesãos podem ser comprados ali mesmo na sede, o que é uma de suas principais fontes de renda. A Associação participa de eventos especializados no mercado de arte popular em todo o país. Por exemplo, em 2018 membros da Associação participaram dos seguintes encontros: FENEMATA – Feira de Negócios do Artesanato da Mata Norte (Vicência – PE), Festival de Inverno de Garanhuns (Garanhus – PE), Feira de Artesanato de Florianópolis - SC e Mercado Brasil promovido pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rio de Janeiro – RJ).

Em julho deste ano tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de três artesãos da Associação (Bila Lima, Genilda Félix e Edjane Lima) sendo vendidos em estandes do 29º Festival de Inverno de Garanhuns (Garanhus/PE).

A artesã Genilda Félix (Associação) em seu estande no 29º Festival de Inverno de Garanhuns:



Fonte: o autor, 2019.

Os grupos de mamulengo ligados à Associação são: *Mamulengo Nova Geração*, *Mamulengo Riso do Povo Mestre Zé de Vina*, *Mamulengo História Mestre Tonho*, *Teatro História do Mamulengo Mestre Bila* e *Mamulengo Arte da Alegria Mestre Bel*. Esta se configura como uma nova geração de mamulengueiros e mamulengueiras, que mantém relação também com importantes mestres que atuam há décadas no mamulengo. A principal rede é a formada junto aos mamulengueiros de Carpina/PE: *Mamulengo Novo Milênio Mestre Miro*, Mestre Saúba, Bibio da Boneca - filho de Saúba - e *Mamulengo Nova Geração de Carpina Mestre João Galego*.

O prédio onde está situada a Associação e seu Museu do Mamulengo é de propriedade da Prefeitura Municipal de Glória do Goitá. A nova gestão municipal decidiu não renovar o contrato de comodato com a Associação, evidentemente gerando insatisfação junto aos artistas a ela vinculados. Percebe-se nesse caso um exemplo da relação por vezes conflituosa entre Estado e cultura popular. Uma discussão próxima desta foi levantada na pesquisa de mestrado *Bumba-meu-boi no palco e na festa: Teatro e Cultura Popular no Piauí* (2018), um estudo do Bumba-meu-boi do município de Parnaíba, Piauí, em que observei como a gestão municipal desta cidade realizou mudanças arbitrárias no formato dos festejos juninos.

O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste foi registrado como Patrimônio Cultural Imaterial junto ao IPHAN⁶ em março de 2015. Nesta oportunidade o Instituto reconheceu o TBPN como importante manifestação cultural brasileira, garantindo a

⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

salvaguarda do boneco popular. O processo de registro teve considerável participação dos artistas e a chancela do IPHAN obteve grande importância para mamulengueiros e mamulengueiras. Quando estive junto a Edjane, presidente da Associação, e a outros participantes, percebi que o registro como patrimônio é algo frequentemente comentado para legitimar suas práticas artísticas e especialmente os projetos de incentivo submetidos às instâncias públicas. É constante também o questionamento sobre a real eficácia do registro em salvaguardar o mamulengo.

Vale destacar dois pontos da fala de Edjane Lima no documentário *O mamulengo mudou: a nova geração de artistas populares de Glória do Goitá (PE)*: (1) o Mestre Zé de Vina é a referência principal do grupo *Mamulengo Nova Geração*, (2) os jovens mamulengueiros modificam “passagens”, conforme categoria local, que seriam na visão dessa nova geração identificadas como racistas, preconceituosas com a mulher e que estariam presentes em apresentações de artistas ditos tradicionais.

É importante que esses intercruzamentos entre tradição e modernidade sejam percebidos. Note-se que ao mesmo tempo em que a Associação tem como principal referência o mestre Zé de Vina, que é seu padrinho e membro, os artistas dessa nova geração alteram as passagens encenadas pelos mestres, modificando estruturalmente o próprio mamulengo, antes uma arte praticada especialmente por homens, e agora exercitada por mulheres em grupos da Associação.

Referências

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

ALCURE, Adriana Schneider. *Mamulengos dos Mestres Zé Lopes e Zé de Vina: etnografia e estudo de personagens*. Dissertação (Mestrado em Teatro). Centro de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação, UNIRIO, 2001.

_____, *A Zona da Mata é rica de cana e brincadeira: uma etnografia do Mamulengo*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

BENATTI, Barbara Duarte. *Mulheres mamulengueiras: um estudo de caso em Glória do Goitá (PE)*. Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BORBA FILHO, Hermilo. *Espetáculos populares do Nordeste*. São Paulo: Editora São Paulo, 1966a.

_____, Hermilo. *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*. São Paulo: Editora Nacional, 1966b.

BROCHADO, Izabela. *Dossiê Interpretativo: Registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, Mamulengo, Cassimiro Coco, Babau e João Redondo como Patrimônio Cultural do Brasil*. Brasília: Minc; Iphan; UnB; ABTB, 2014.

_____, Izabela. Teatro de Bonecos Popular do Nordeste: história e histórias. *Móin Móin. Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. vº. 1, nº 13. Jaraguá do Sul: SCAR/UEDESC, 2015.

_____, Izabela. *Distrito Federal: o Mamulengo que mora na cidade, 1990-2001*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

_____, Izabela. *Mamulengo Puppet Theatre in the Socio-Cultural Context of Twentieth-Century Brazil*. Tese (Doutorado em Teatro em Filosofia). Samuel Beckett School of Drama. Trinity College University of Dublin, Irland, 2005.

CARRICO, André. O Mamulengo em Cena no Contexto Contemporâneo. *Revista Arte da Cena*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 27-37, 2015.

DANTAS, Pablo. *MAMULENGO NOVA GERAÇÃO: "As mulheres transformaram o brinquedo e aboliram passagens preconceituosas"*. Disponível em: <<https://matacultural.blogspot.com/2018/05/mamulengo-nova-geracao-as-mulheres.html?spref=fb&m=1>>. Acesso em: 12 set. 2018.

FONTENELE, Wesley. *Bumba-meu-boi no palco e na festa: Teatro e Cultura Popular no Piauí*. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FRANZONI, Mara Tereza. Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático. *DAPesquisa*, v. 9, p. 51-63, 2012.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do ‘popular’. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MARCUS, George. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 47. n. 1, p. 132-158, 2004.

O MAMULENGO mudou: A Nova Geração de Artistas Populares de Glória do Goitá/PE. Direção de Arthur Carvalho. Glória do Goitá, 2017. P&B.

SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. *Mamulengo um povo em forma de bonecos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.